

Honrou-me José Luís Simões da Fonseca com a sua amizade e conselho apenas recentemente, dois anos antes de partir. Um homem genial, com quem, para além de aprender, era possível dialogar, sem rodeios, como se exigia em face da sua incrível honestidade intelectual.

Apesar de fortemente restringido pelos olhos e pelos movimentos, nunca conheci alguém com um espírito tão jovem e ágil. Um espírito preso num corpo, como certa vez me confessou. Alguém a quem nada se colocava como obstáculo, desde que ali estivesse um braço para o ajudar. Foi assim que no tempo breve de um ano ainda ditou, de rajada e sem hesitar, a sua última obra às mãos de uma jovem secretária, que sempre fez questão de elogiar. O psiquiatra lógico, colaborador e amigo de Warren McCulloch, de quem gostava de se recordar e com quem partilhará, para a eternidade, o panteão dos cientistas da computação e da Inteligência Artificial.

Sobre o Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa e sobre o Grupo do Professor José Croca, em especial, dizia-me que só assistira às mesmas liberdade intelectual e capacidade criativa, anos antes, no MIT. Elevou todas as discussões em que participou com a sua inteligência, humor e cultura impressionantes, mostrando a envergadura de um verdadeiro académico. Recordo a veemência do seu discurso, sempre que proferia «Cuidado!», revelando alguma inconsistência inesperada.

Não obstante todas as suas qualidades, deixa-me saudade o prazer da sua companhia aos almoços de quarta feira, ocasião, em que, à luz da magia não computável das nossas cervejas académicas, discutíamos ciência, filosofia e religião.

Até sempre, querido amigo.

Paulo Castro